

O MUNDO FUNERÁRIO DA I IDADE DO FERRO NO SUL DO ACTUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS: NOTAS PARA UMA SÍNTESE

Francisco B. Gomes

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Fundação para a Ciência e Tecnologia / franciscojbgomes@gmail.com

Resumo

A documentação referente às práticas funerárias sidéricas no Sul do actual território português reveste-se de uma notável riqueza e complexidade, que tem vindo de resto a ser incrementada nos últimos anos por uma série de trabalhos que vieram acrescentar importantes dados para a análise do fenómeno da morte durante a I Idade do Ferro na área em apreço. O presente contributo constitui uma sucinta resenha do panorama actualmente disponível, insistindo no facto de o carácter diversificado e fragmentado desse panorama constituir um reflexo fiel da diversidade das comunidades que ocuparam, durante a 1ª metade do I milénio a.n.e., o Sul de Portugal.

Palavras-Chave: Necrópoles, Práticas funerárias, I Idade do Ferro, Alentejo, Algarve.

Abstract

The information concerning the Iron Age funerary practices in the Southern Portuguese territory is characterized by a notable richness and complexity which has been increasing in recent years due to a number of interventions which have yielded very important data for the analysis of the phenomenon of death during the Early Iron Age in the area under study. This contribution aims to present a short review of the currently available panorama, while insisting on the fact that the diversified and fragmentary nature of that panorama constitutes an accurate reflection of the diversity of the communities which occupied the South of Portugal in the early 1st millennium BCE.

Keywords: Necropolis, Funerary practices, Early Iron Age, Alentejo, Algarve.

1. OBSERVAÇÕES PRÉVIAS

A abundância de dados relativos às práticas funerárias da Idade do Ferro no Sul do actual território português e a diversidade do panorama decorrente desses dados têm vindo a ser recorrentemente assinaladas pela investigação que se ocupa deste período histórico, tendo já sido objecto de diversas sínteses (Torres, 1999; Arruda, 1999-2000; 2004; Cardoso, 2000; Mataloto, 2013) que contribuíram para situar as numerosas e diversificadas necrópoles conhecidas no processo histórico desenvolvido durante o I milénio a.n.e. na fachada atlântica peninsular.

Não obstante, tem-se assistido nos últimos anos a um incremento sistemático da informação disponível, resultante tanto de novos trabalhos de campo como da reapreciação de sítios, contextos e materiais conhecidos desde há muito. Neste contexto parece oportuno traçar, mesmo que de forma sucinta, um estado da questão com respeito às práticas funerárias sidéricas, procurando sumariar os desenvolvimentos que vieram enriquecer o quadro anteriormente conhecido.

Na presente contribuição centrar-me-ei nos dados respeitantes ao Baixo Alentejo e ao Algarve, na medida em que os importantes dados que se têm vindo a acumular sobre as práticas funerárias sidéricas no Alentejo Central foram objecto de uma síntese recente (Mataloto, 2013), muito mais qualificada do que aquela que poderia aqui dedicar-lhe.

Para efeitos de organização agruparei a informação disponível em quatro grandes apartados – necrópoles “Orientalizantes”, de cistas, tumulares e com recintos – embora tendo plena consciência que esses grandes blocos abarcam realidades que não são necessariamente homogéneas

2. AS NECRÓPOLES “ORIENTALIZANTES” DO LITORAL

A emergência, na transição para a Idade do Ferro, de uma rede de estabelecimentos instalados na orla litoral que denunciam uma matriz cultural fortemente influenciada por estímulos orientais encontra-se

hoje bastante bem caracterizada (Arruda, 1999-2000). Pelo contrário, o registo funerário destas comunidades ditas “Orientalizantes” do litoral continua a ser bastante mal conhecido. De facto, dos relativamente abundantes sítios de habitat conhecidos apenas dois – Alcácer do Sal e Tavira – revelaram dados concretos relativos às práticas funerárias das populações ali instaladas.

Até recentemente, de facto, a necrópole do **Olival do Senhor dos Mártires** (OSM), correspondente ao povoado que subjaz ao Castelo e ao Centro Histórico de Alcácer do Sal (Silva *et al.*, 1980-1), constituía o único caso conhecido em território português de uma necrópole directamente relacionada com um povoado enquadrável neste horizonte cultural.

Identificado já nos finais do século XIX, este conjunto funerário conheceu, ao longo do século XX, uma rica mas irregular história de investigação, incluindo trabalhos de escavação nunca sistematicamente publicados (Correia, 1925; 1928; Paixão, 1970; 1983) e numerosos estudos de espólio (Almeida & Ferreira, 1962; Pereira, 1962; Brito, 1969; Schüle, 1969; Ponte, 1985; Rouillard *et al.*, 1988-9; Frankenstein, 1997), infelizmente sempre muito selectivos e parciais.

Apesar das sérias lacunas geradas pela falta de um registo de campo detalhado e pela ausência de um estudo integral dos espólios, que só recentemente se iniciou², foi ainda assim possível traçar, nos finais do século passado, sínteses gerais que ordenaram e discutiram a informação disponível (Fabião, 1998: 350-366; Arruda, 1999-2000: 72-86), estabelecendo as bases dos actuais conhecimentos sobre a necrópole e a sua complexa sequência de utilização.

Com efeito, o OSM, além de representar um raro exemplo das práticas funerárias das etapas iniciais da Idade do Ferro, apresenta também uma invulgar diversidade de soluções funerárias demonstrando não apenas uma considerável diversidade

² No quadro do projecto de Doutoramento que venho desenvolvendo, intitulado “Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (sécs. VII-V a.n.e.).

diacrónica, decorrente da também pouco comum duração da sua utilização, que abarca, pelo menos, quatro séculos, mas também, em certos momentos, uma variabilidade sincrónica que permanece ainda por explicar de forma cabal.

De uma forma geral, a tipologia proposta por V. Correia (1928: 172-178), responsável das primeiras intervenções sistemáticas no sítio, para agrupar as numerosas sepulturas por si documentadas tem servido como base amplamente aceite para o estudo da sequência funerária da necrópole sadina.

Como é bem sabido, o Professor de Coimbra dividiu os contextos sepulcrais por si documentados em quatro tipos: 1) incinerações recolhidas em urnas depositadas a pouca profundidade no terreno; 2) incinerações igualmente recolhidas em urnas, de distinta tipologia e depositadas a grande profundidade, em fossas escavadas no substrato geológico; 3) incinerações *in situ* em fossas simples de morfologia rectangular; 4) incinerações *in situ* em fossas de tendência rectangular dotadas de uma segunda fossa central, igualmente rectangular, conferindo-lhes uma morfologia escalonada.

As coordenadas cronológicas e culturais destes vários tipos sepulcrais foram já amplamente discutidas, nomeadamente nas sínteses antes mencionadas. Por essa razão, e até que se encontre concluído o estudo sistemático do espólio desta necrópole actualmente em curso, restaria aqui sumariar os dados e os problemas ali recolhidos.

Por um lado, parece unânime que o primeiro horizonte de utilização deste conjunto funerário corresponde às mencionadas sepulturas do 4º Tipo. Os paralelos disponíveis para a sua característica morfologia, cuja origem fenícia parece plenamente demonstrada (cf. Torres, 1999: 133), bem como os espólios que se lhes podem, segura ou plausivelmente, atribuir – lanças de folha longa acompanhadas dos respectivos contos, elementos de roda de carros ligeiros, fibulas de tipologia antiga (de arco espessado e pouco espessado, de dupla mola e talvez de tipo “Acebuchal”, cf. Ponte, 1985), braceletes de tipo xorca bem como amuletos de tipo egípcio (cf. Paixão, 1983) (Fig. 1) – sugerem uma

cronologia entre meados do século VII e meados do século VI a.n.e. (Arruda, 1999-2000: 81).

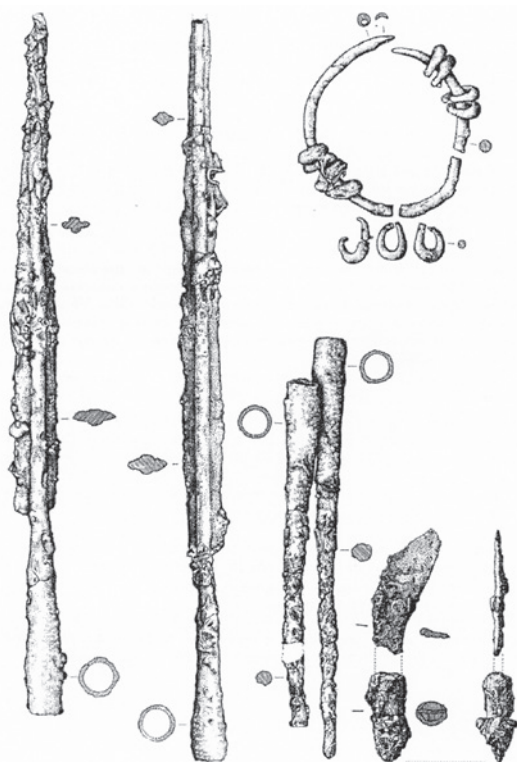


Figura 1 – Espólio da sepultura 22/80 do Olival do Senhor dos Mártires (seg. Paixão, 1983).

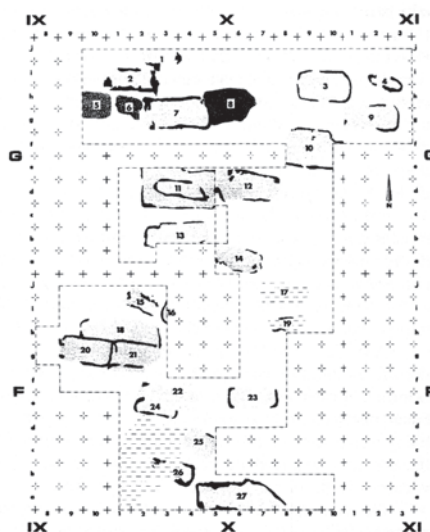


Figura 2 – Planta das intervenções dos anos 80 na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), evidenciando sepulturas dos 4º e 3º Tipos (seg. Paixão, 1983).

Também parece relativamente consensual que as sepulturas do 3º Tipo, embora possam ter convivido no tempo com as do tipo anterior surgem mais tarde que aquelas, perdurando igualmente até mais tarde. Esta relação parcial de posterioridade pode aferir-se, particularmente, a partir da leitura da planta publicada por A. Cavaleiro Paixão (1983: fig. 4), onde se verifica a implantação de sepulturas deste tipo sobrepostas a outras do 4º Tipo (Fig. 2).

Já a natureza dos espólios atribuídos a estas sepulturas, incluindo lucernas de um só pico, lanças, facas afalcatadas, fíbulas anulares hispânicas, fechos de cinturão de tipo “céltico” e “tartéssico” bem como braceletes de tipo xorca (cf. Arruda, 1999-2000: 78-9), e que demonstram certas concomitâncias com os do tipo anterior mas também algumas diferenças significativas, permitiu datá-las entre os finais do século VII e os finais do VI a.n.e. (*idem*: 81), demonstrando assim uma contemporaneidade parcial destes dois tipos.

Mais problemático é o enquadramento das se-

pulturas do 2º Tipo, que representam a introdução de uma modalidade ritual algo distinta, a incineração em *ustrinum* com a posterior deposição secundária das cinzas num contentor cerâmico. A sua posição na sequência cronológica e cultural da necrópole é difícil de estabelecer, sobretudo porque os espólios que se lhe associavam parecem ter sido particularmente parcos, o que dificulta a aferição da sua cronologia.

Contamos, ainda assim, com a própria tipologia dos contentores cinerários, correspondentes ao tipo das chamadas urnas “Cruz del Negro” (Fig. 3), que permite algumas precisões a esse respeito. Como tive recentemente oportunidade de assinalar (Gomes, no prelo a), os contentores deste tipo publicados (Frankenstein, 1997: Láms. 48-50) podem assimilar-se, respectivamente, aos Tipos 5, 3 e 4 definidos para os exemplares de Medellín (Torres, 2008: 640-648), para os quais se propôs uma cronologia entre os finais do século VII e os inícios do VI a.n.e..

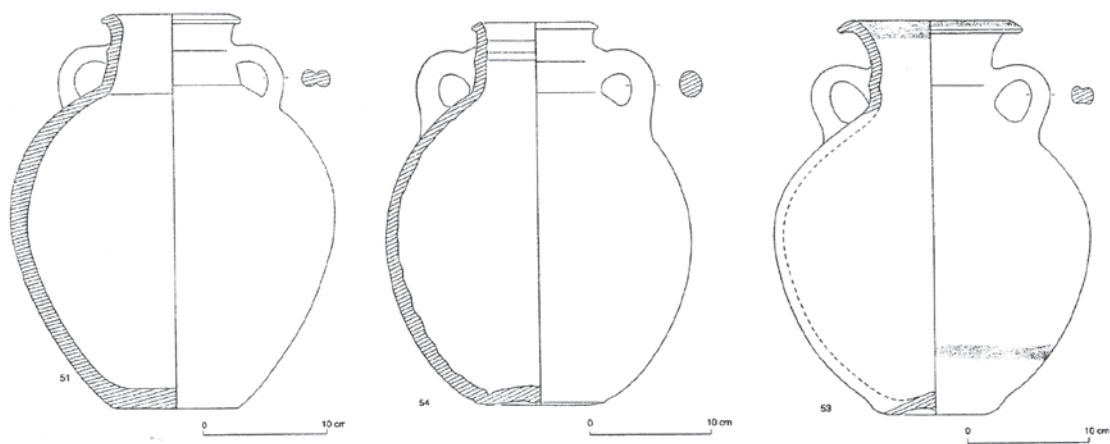


Figura 3 – Urnas “Cruz del Negro” do Olival do Senhor dos Mártires (seg. Frankenstein, 1997).

Esta cronologia advogaria a favor da hipótese da precocidade deste tipo de deposições bem como de uma convivência relativamente prolongada entre este e os anteriormente comentados (Fabião, 1998: 356-7; cf. tb. Torres, 1999: 115) embora, na ausência de outros indicadores – os restantes espólios associados a estas sepulturas resumem-se a lucernas de um só pico, de cronologia pouco es-

pecífica, e a formas difíceis de precisar de cerâmica de engobe vermelho –, a hipótese de uma datação mais tardia, centrada no século VI a.n.e. e em particular na segunda metade daquela centúria (Arruda, 1999-2000: 81) permaneça válida.

Independentemente da afinação da cronologia deste tipo de deposições o que parece hoje relativamente claro é que esta nova fórmula de tratamen-

to funerário deverá ter convivido com a incineração *in situ* (*idem*: 80) por um período ainda a precisar.

Parece difícil admitir, com os dados disponíveis actualmente, que as sepulturas do 2º Tipo sejam o reflexo de uma descontinuidade cultural, o que naturalmente coloca a questão do efectivo significado desta duplicidade de soluções funerárias. Como já se assinalou, a coexistência de ritos distintos poderá responder a critérios sociais ou a subgrupos distintos (de género ou idade, por exemplo) no interior da comunidade, mas poderá igualmente remeter para a coexistência no Baixo Sado de comunidades etnicamente diferenciadas (*idem*: 80-1), referendada de resto por numerosos outros dados (Silva *et al.*, 1980-1; Soares & Silva, 1986; Mayet & Silva, 2000).

O que parece certo é que, na transição para a II Idade do Ferro, o rito de cremação secundária parece generalizar-se, estando representado na necrópole pelas sepulturas do 1º Tipo (Correia, 1928: 172-4; Fabião, 1998: 357-366; Arruda, 1999-2000: 73-74), que pela sua avançada cronologia não cabem já no escopo da presente contribuição.

Se é certo que a diversidade de soluções funerárias e a riqueza dos espólios exumados na necrópole de Alcácer do Sal continua a não ter qualquer paralelo no actual território nacional, a recente descoberta de uma área funerária no Centro Histórico de Tavira, concretamente na área do **Convento da Graça** (Arruda, Covaneiro & Cavaco, 2008), veio acrescentar importantes dados para o conhecimento do mundo funerário “Orientalizante” no Extremo Ocidente Peninsular.

A intervenção realizada naquela área permitiu documentar um conjunto de quatro sepulturas de incineração. As Sepulturas 1 e 2 correspondiam a deposições dos restos cremados em urnas de tipo “Cruz del Negro” alojadas em fossas escavadas no sedimento e na rocha de base, respectivamente, ao passo que as Sepulturas 3 e, provavelmente, 4 correspondiam à deposição directa das cinzas em fossas abertas no substrato geológico, sem recurso a qualquer contentor cinerário (*idem*: 152-4).

Os espólios recolhidos em associação com estas deposições são relativamente parcos, resumindo-

se a materiais cerâmicos, elementos não precisados de ferro e bronze, bem como restos faunísticos (*idem*: 154). Não obstante, a análise dos elementos de juízo disponíveis permitiu às autoras do estudo deste conjunto funerário datá-lo na segunda metade/finais do século VII a.n.e. (*ibidem*).

As deposições em urnas “Cruz del Negro” de Tavira apresentam evidentes similitudes com as antes comentadas sepulturas do 2º Tipo de Alcácer do Sal, como foi já assinalado (*idem*: 157), e constituem um importante paralelo que contribui definitivamente para situar as deposições da necrópole alentejana, cujo problemático enquadramento foi já aqui comentado.

Finalmente, e ainda dentro deste apartado, cumpriria resenhar a possível atribuição a ambientes funerários de duas urnas “Cruz del Negro” recentemente estudadas por P. Barros (2008: 408 e fig. 6). Estas peças foram recolhidas por Estácio da Veiga em **Mértola**, sem que se conheça o seu contexto exacto, embora a sua proveniência de contextos funerários pareça admissível tanto pela sua morfologia como pelo seu estado de conservação. A estes recipientes haveria a somar um prato de engobe vermelho dado a conhecer pelo mesmo investigador (*idem*: 407 e fig. 4.6) que possuía ainda a indicação de ter sido recuperado numa sepultura de incineração.

A cronologia proposta para estes materiais, entre os finais do século VII e os meados do VI a.n.e. (*idem*: 407), parece aceitável, e a admitir-se o contexto funerário das mencionadas peças a(s) necrópole(s) de que proviriam enquadrar-se-iam, portanto, num horizonte *grosso modo* paralelizável com os antes comentados de Alcácer do Sal e Tavira.

3. AS NECRÓPOLES DE CISTAS

Um outro grupo claramente individualizável no quadro das necrópoles da I Idade do Ferro do Sul de Portugal caracteriza-se pela utilização de monumentos de tipo cista albergando deposições que correspondem exclusivamente a um ritual inumatório.

As necrópoles deste tipo são especialmente abundantes no Algarve, quer em ambientes sub-

-litorais – caso das necrópoles da **Fonte Velha de Bensafrim** (Lagos) (Veiga, 1891; Rocha, 1972; Viana, Formosinho & Ferreira, 1953: 2-5; Arruda, 1999-2000: 57), **Cômoros da Portela** (Silves), **Père Jacques** (Aljezur) e **Alagoa** (Loulé) (cf. Arruda, 1999-2000: 57-8) ou da cista dos **Gregórios** (Silves) (Barros *et al.*, 2005) – quer já em contextos do interior serrano, onde se destaca a necrópole do **Cabeço da Vaca** (Alcoutim) (Cardoso & Gradim, 2006; 2008).

A presença de necrópoles deste tipo não se limita, contudo, a esta região, estando também documentada em território alentejano, quer no litoral – a necrópole de onde provém o célebre Tesouro do **Gaio** (Sines) parece ter sido constituída por monumentos deste tipo (Costa, 1966; 1972; Arruda, 1999-2000: 96-7) – quer mesmo no interior, como bem exemplifica o caso da necrópole de **Corte Margarida** (Aljustrel) (Deus & Correia, 2005).

Esta dispersão geográfica coincide, pelo menos parcialmente, com a das necrópoles de cistas da Idade do Bronze, também elas particularmente características do território algarvio (Gomes *et al.*, 1986; 2002; Gomes, 1994; Parreira & Barros, 2007) e do litoral alentejano (Silva & Soares, 1979; 2009), mas também do interior alentejano (v. Soares, 1994; Soares *et al.*, 2009: 437-440), facto muito sugestivo que deverá, de futuro, ser analisado de forma mais substancial.

Por outro lado, e apesar da considerável dispersão geográfica assinalada, estes conjuntos funerários compartilham alguns rasgos dignos de nota. Em primeiro lugar, pode assinalar-se o quase completo desconhecimento do enquadramento territorial destas necrópoles; tanto quanto sei, em nenhum caso foi ainda possível associar um destes conjuntos funerários a um povoado concreto, o que poderá sugerir que correspondem a um modelo de povoamento disperso e difícil de detectar.

Do ponto de vista dos espólios o conjunto destas necrópoles oferece também similitudes dignas de nota mas também algumas assimetrias não despendidas. Estão documentadas concentrações de riqueza bastante consideráveis, como no caso da

Herdade do Gaio onde, independentemente da sua difícil contextualização, se documentaram numerosos elementos sumptuários, incluindo o célebre conjunto áureo de gargantilha e arrecadas, de clara tradição oriental, a par de um amuleto de tipo egípcio, de um volumoso conjunto de contas de pasta vítrea e de dois unguentários dessa mesma matéria-prima (Costa, 1966; 1972; Arruda, 1999-2000: 96-7).

Também na Fonte Velha de Bensafrim se nota a presença de um espólio relativamente abundante, ainda que muito padronizado, incluindo os bem conhecidos conjuntos de contas de pasta vítrea já ilustrados por E. da Veiga (1891) ou um curioso disco de ouro, recentemente reanalisado (Vilaça & Armbruster, 2012). Os elementos de colar em pasta vítrea repetem-se na cista dos Gregórios, a par de uma lança de ferro (Barros *et al.*, 2005: fig. 4), e nas de Corte Margarida, associando-se aqui a um amuleto egípcio e a dois ornitomorfs de cerâmica (Deus & Correia, 2005: figs. 2-3), com paralelos nas necrópoles tumulares de Ourique.

Bastante mais modestos, no seu conjunto, são os espólios exumados na necrópole do Cabeço da Vaca, embora também aí se identifiquem pontualmente elementos de adorno, neste caso uma conta em cornalina (Cardoso & Gradim, 2006: 217). Aparte este elemento isolado, caberia ainda destacar a presença de armamento, em particular um par de pontas de lança ou de dardo em ferro (*idem*: fig. 18) e um interessante punhal de lâmina recta com guarda de prata (Cardoso & Gradim, 2008: fig. 14).

Ainda sobre esta última necrópole julgo importante salientar que, se os espólios são de um modo geral sóbrios e modestos por comparação com os conjuntos antes comentados, o investimento na monumentalização do espaço funerário é aqui claramente superior ao verificado em qualquer outra necrópole de cistas sidérica, como se pode inferir pela presença de empedrados envolvendo algumas das sepulturas que, no caso da cista do chamado Núcleo II (Cardoso & Gradim, 2008) adquire mesmo, como reconhecem os responsáveis do seu estudo, um aspecto praticamente tumular (Fig. 4),

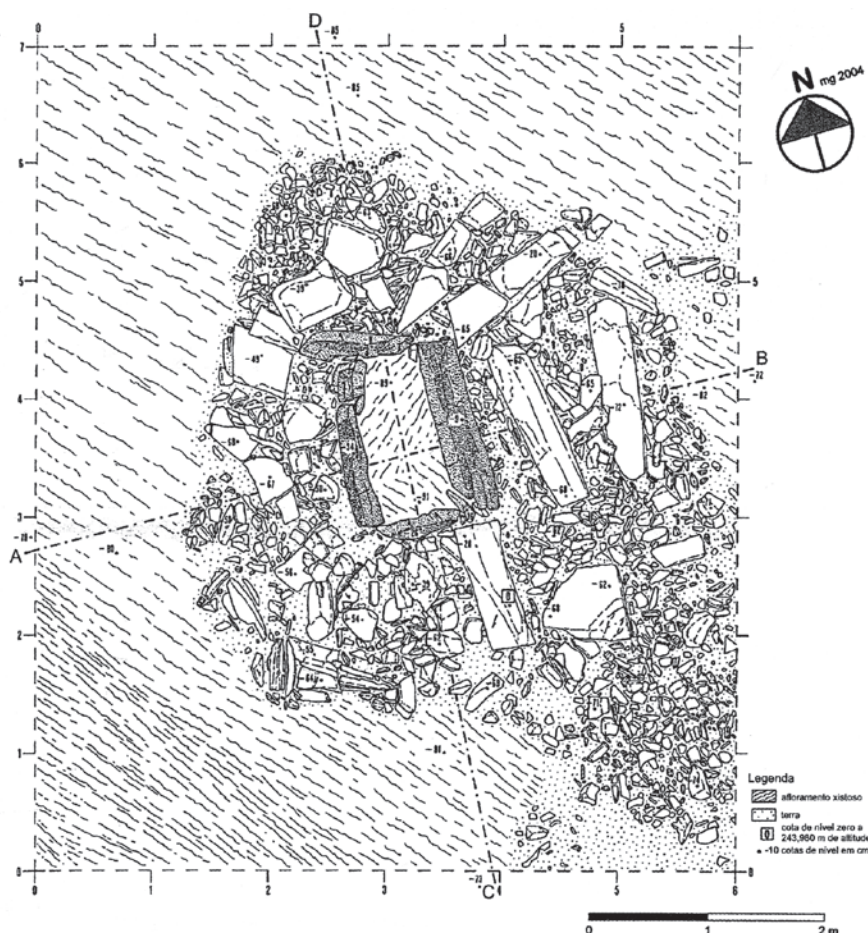


Figura 4 – Sepultura do Núcleo II da necrópole do Cabeço da Vaca (Alcoutim) (seg. Cardoso & Gradim, 2008).

reminiscente de soluções construtivas próprias do mundo interior alentejano.

Quanto ao enquadramento cronológico deste grupo de manifestações funerárias, cumpre precisar que o mesmo se encontra totalmente dependente da análise dos espólios que, como ficou dito acima, nem sempre oferecem elementos de juízo tão finos como seria desejável. Julgo, contudo, que a maioria, senão mesmo a totalidade destes conjuntos funerários poderá situar-se no período entre os séculos VI e V a.n.e., tal como recentemente se defendeu para os casos algarvios (Parreira & Barros, 2007: 99; cf. tb Cardoso & Gradim, 2006: 223; 2008: 114).

É certo que na Herdade do Gaio se recuperaram elementos que poderiam advogar por uma cronologia mais recuada (Arruda, 1999-2000: 97), no entanto a sua associação (directa ou indirecta) a um

volumoso conjunto de contas de colar de pasta vítrea, elementos cuja importação massiva no Ocidente Peninsular parece iniciar-se apenas no século VI a.n.e. (Arruda *et al.*, no prelo a; *contra* Jiménez Ávila, 2001, que propõe cronologias todavia mais baixas, dos séculos V-IV a.n.e.), bem como de dois unguentários da mesma matéria-prima de tipologias cuja presença no Extremo Ocidente não parece recuar para além do século V a.n.e. (Jiménez Ávila, 2001: 117) levaria a considerar esses elementos como residuais ou arcaizantes.

Estas considerações são, por outro lado, extensíveis aos restantes conjuntos funerários deste grupo, onde as contas de colar de pasta vítrea são recorrentes. Outros materiais, como é o caso dos elementos de armamento, apoiam igualmente esta adscrição cronológica (Cardoso & Gradim, 2006: 217-221).

Neste sentido, as necrópoles de cistas analisadas coincidiriam, cronologicamente, com a etapa final do horizonte dito “Orientalizante” do litoral e, sobretudo, com o horizonte dito “Pós-Orientalizante” do interior, com o qual foram já assimiladas (Parreira & Barros, 2007: 99), podendo mesmo estender-se até momentos já enquadráveis na II Idade do Ferro, se aceitarmos a integração da necrópole do Casão (Sesimbra) (Serrão, 1964) no limite inferior deste grupo, como noutro lugar propus (Gomes, 2013).

Independentemente das reticências que me provoca o conceito de “Pós-Orientalizante”, e que tive já oportunidade de expor anteriormente (Gomes, 2014: 28-29), devo assinalar que o pouco que se pode entrever das comunidades que enterraram os seus mortos nas necrópoles de cistas que venho comentando permite identificar numerosos pontos de contacto com esse horizonte cultural definido a partir da documentação baixo-alentejana (Arruda, 2001).

Existem evidentes concomitâncias, como adiante veremos, ao nível dos espólios funerários, mas também ao nível das lógicas de ocupação do território, que parecem ter privilegiado um povoamento rural disperso na paisagem, e ao nível do investimento preferencial no espaço da morte enquanto cenário de representação social e comunitária, numa dinâmica de amplo espectro, transversal a vários dos grupos aqui comentados, e que merecerá em trabalhos futuros ser aprofundada.

4. NECRÓPOLES TUMULARES

Os trabalhos desenvolvidos por C. de Mello Beirão e pelos diversos investigadores que com ele colaboraram na região de Ourique permitiram identificar um grupo de manifestações arqueológicas enquadráveis na I Idade do Ferro que se revestem de uma marcada personalidade arqueográfica, dentre as quais mereceram particular atenção os numerosos conjuntos funerários então identificados (Dias, Beirão & Coelho, 1970; Dias & Coelho, 1983; Beirão, 1986; Beirão, 1990; Correia, 1993; cf. tb. Arnaud, Martins & Ramos, 1994; Soares & Martins, 2013).

Estas necrópoles, associadas a pequenos nú-

cleos habitacionais dispersos no território de características eminentemente rurais (Beirão, 1986: 103-122; Arruda, 2001: 210-239), configuram uma densa malha de ocupação sem paralelos, de momento, no restante território alentejano. A sua principal característica definitiva reside na sua peculiar arquitectura, cujo aspecto mais marcante reside na construção de monumentos tumulares de distintas morfologias assinalando as sepulturas os quais, por sua vez, se adossam entre si tendendo a formar molles pétreas que assumem, nalguns casos, grandes dimensões, como na paradigmática necrópole de **Fernão Vaz** (Correia, 1993: fig. 1).

Esta peculiar tradição arquitectónica apresenta inegáveis similitudes com a das necrópoles tumulares da Idade do Bronze documentadas, justamente, na região de Ourique, em particular as de Alcaria e Atalaia (Schubart, 1975), facto já assinalado (Beirão, 1986: 49; Arruda, 2001: 283; Vilhena, 2008: 380-1) mas que merece, de futuro, uma análise mais substancial.

A restituição da sequência evolutiva destes monumentos tumulares constituiu um dos eixos fundamentais da investigação. O principal contributo para essa restituição deve-se aos trabalhos de V. H. Correia que, apoiando-se na estratigrafia horizontal das necrópoles e nos poucos elementos de juízo disponíveis para o estabelecimento da sua cronologia, estabeleceu uma proposta de faseamento (Correia, 1993: 356-360) que a investigação posterior tem geralmente aceite (cf. Arruda, 2001).

A sequência proposta por aquele investigador inclui quatro etapas: 1) monumentos circulares (de grandes dimensões); 2) monumentos rectangulares dotados de câmara sepulcral destacada; 3) monumentos rectangulares cobrindo fossas sepulcrais; 4) monumentos em “pi” (Correia, 1993: 360). A sucessão destas distintas soluções construtivas parece inegável à luz dos dados arquitectónicos, no entanto a sua respectiva datação constitui um problema mais difícil de abordar.

Na proposta original de V. H. Correia adoptaram-se cronologias que hoje parecem excessivamente altas, fazendo arrancar esta sequência evolutiva de

um momento situado em meados do século VIII a.n.e.. Esta datação resulta, em boa medida, de uma tentativa de enquadramento cronológico dos poucos espólios atribuíveis a monumentos da Fase II, cuja datação permitiria estabelecer um *terminus ante quem* para a precedente Fase I (Correia, 1993: 359-360).

Entre estes contavam-se uma fíbula anular hispânica da necrópole da Chada (Beirão, 1986: fig. 22), então datada dos inícios do século VI a.n.e. (Correia, 1993: 359) mas que deveria, à luz dos dados hoje conhecidos, datar-se antes do final da-

quela centúria ou mesmo já da seguinte, bem como contas de pasta vítrea, cuja presença, como ficou dito acima, parece sugerir também uma cronologia nunca anterior ao século VI, e mesmo aos meados dessa centúria, cronologia que a taça de engobe vermelho que se lhes associava (Beirão, 1986: fig. 30) não desmente.

Por outro lado, a consideração directa dos raros espólios provenientes de monumentos da Fase I, como as peças de armamento – lanças ou dardos – da sepultura 1 do Sector B da **Chada** (Beirão, 1986: figs. 27-8) (Fig. 5) ou os recentemente publicados

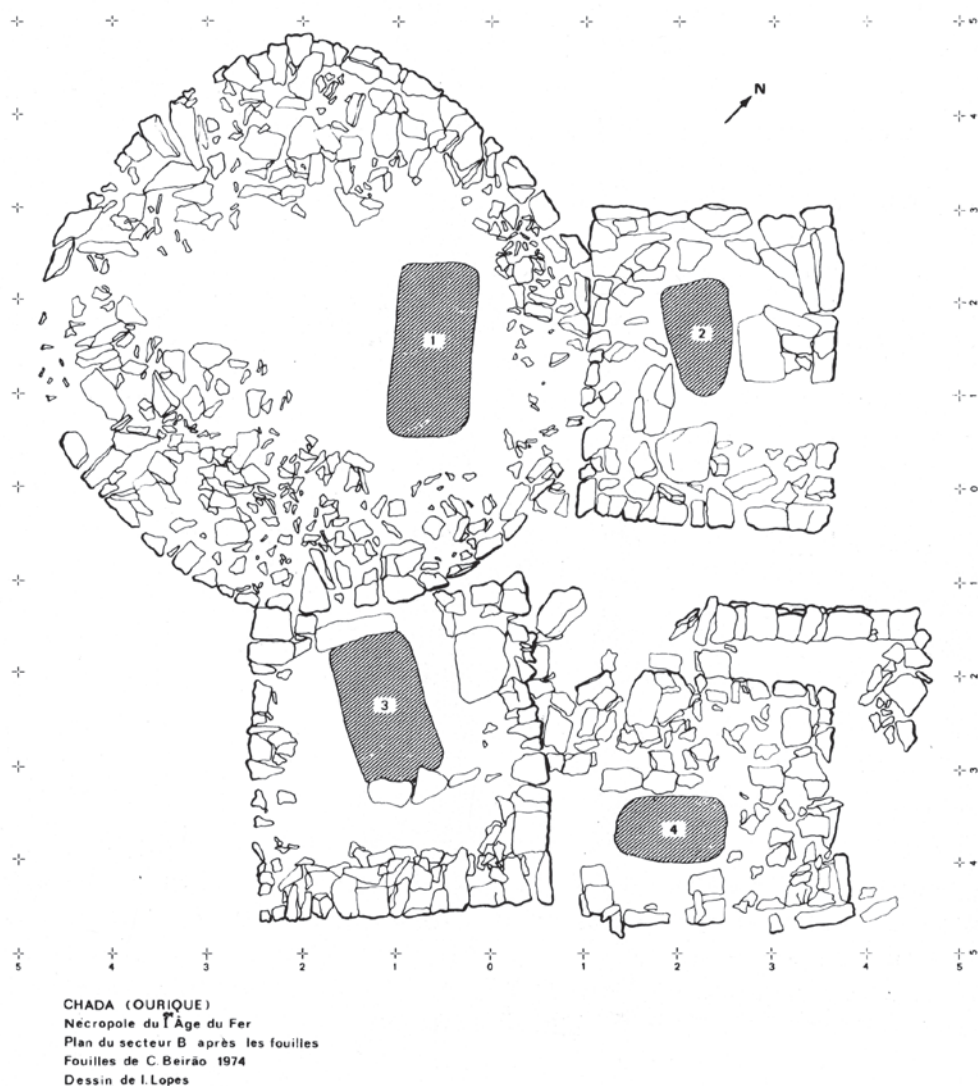


Figura 5 – Planta do Sector B da necrópole da Chada (Ourique) (seg. Beirão, 1986).

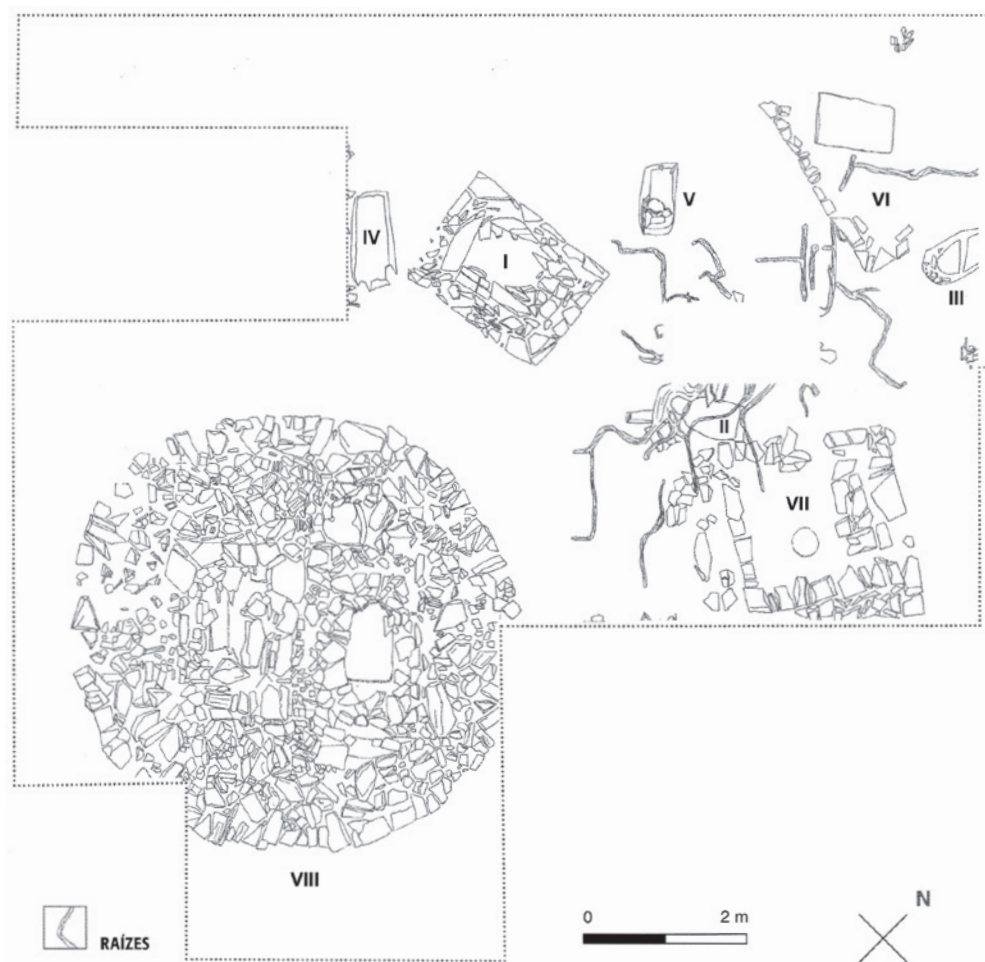


Figura 6 – Planta da necrópole da Nora Velha 2 (Ourique) (seg. Vilhena, 2008).

materiais da sepultura VIII da **Nora Velha** (Soares & Martins, 2013) (Fig. 6), com paralelos em contextos de finais do século VII e, sobretudo, do VI a.n.e., permitem, como já se defendeu (Arruda, 2001: 282-3), situar os inícios das necrópoles de Ourique num momento mais tardio do que originalmente se supôs. De facto, nem mesmo as datações radiométricas obtidas para a referida necrópole da Nora Velha e esgrimidas como argumento em favor de uma datação alta para estas necrópoles (Vilhena, 2008: 381-2) resistem a uma análise atenta, como ficou demonstrado na publicação sistemática das escavações ali realizadas (Soares & Martins, 2013: 665).

Já a datação das etapas finais da utilização deste tipo de soluções funerárias, caracterizado pela utilização de monumentos sub-quadrangulares de

menor entidade, situados cronologicamente por V. Correia em meados do século V a.n.e. (Correia, 1993: 360), a par da introdução das deposições em urna na periferia de algumas necrópoles (Beirão, 1986: 50), parece mais compatível com os dados actualmente disponíveis, embora não seja de excluir a perduração destas necrópoles até aos inícios da centúria seguinte, tal como propôs C. de Mello Beirão (*ibidem*), momento em que se assiste ao esgotamento do modelo de povoamento a que se associam estas necrópoles (Arruda, 2001).

As dificuldades sentidas no domínio da cronologia são, de resto, uma consequência directa da natureza dos espólios que, como houve já ensejo de assinalar, são particularmente parcos, reduzindo-se a recipientes cerâmicos de clara tradição local,

alguns elementos de armamento – lanças/dardos e facas afalcatadas – de ferro, e mais pontualmente elementos de indumentária e adorno de bronze, como a já citada fíbula anular hispânica, o bracelete *acorazonado* da **Mealha Nova** ou a possível xorca dessa mesma necrópole (Dias, Beirão & Coelho, 1970: 201), acompanhadas de raras importações de âmbito mediterrâneo, incluindo contas de pasta vítrea e, mais raramente, amuletos egípcios e contas de cornalina (Dias, Beirão & Coelho, 1970; Dias & Coelho, 1983; Beirão, 1986; Beirão, 1990).

Outra questão de difícil resolução diz respeito aos rituais funerários praticados nestas necrópoles. As condições de preservação das sepulturas, muitas das quais forma aparentemente, de resto, objecto de violações antigas (Beirão, 1986: 50), parecem ter sido pouco propícias à documentação desse aspecto concreto, o que causou alguma hesitação no momento de diferenciar entre sepulturas de inumação e de incineração (*idem*: 62). Não obstante, a imagem de uma convivência entre ambos os tipos de tratamento funerário que atravessaria todas as fases destas necrópoles foi geralmente aceite (Correia, 1993: 355-6; Arruda, 2001: 269-270; Vilhena, 2008: 380).

Devo contudo salientar que as evidências disponíveis da prática da inumação são francamente reduzidas, e assentam sobretudo numa leitura das dimensões das câmaras ou fossas sepulcrais documentadas nalgumas sepulturas e na asserção reiterada por C. de Mello Beirão de que as características dos solos locais não permitiam a conservação de restos ósseos (Beirão, 1986: 62), também ela ecoada pela investigação posterior. Também a hipótese recentemente avançada de que a ausência sistemática de restos humanos nestas sepulturas se deveria à existência de práticas de manipulação secundária desses restos (Vilhena, 2008: 391), embora sugestiva, carece de comprovação.

Não havendo, naturalmente, dados objectivos para contrariar a hipótese da utilização do ritual inumatório nestas necrópoles, importa ainda assim sublinhar que as evidências da prática da incineração são bastante mais tangíveis, com a documentação de fragmentos de carvões e cinzas em diversas se-

pulturas (Beirão, 1986). A utilização desta fórmula de tratamento do cadáver parece estar presente, por outro lado, logo desde a Fase I, como demonstram as evidências de incinerações documentadas na já comentada sepultura VIII da Nora Velha (Soares & Martins, 2013: 662).

Não obstante, e dada a escassez de dados fiáveis para avançar na discussão da presença/ausência de inumações e dos eventuais parâmetros da convivência entre ambos os rituais, resta-nos esperar que futuros trabalhos possam contribuir com novas chaves para a resolução desta questão.

5. NECRÓPOLES COM RECINTOS

Um último apartado neste panorama geral do mundo funerário da Idade do Ferro diz respeito àquilo que poderíamos designar, ainda que de forma provisória, como necrópoles com recintos. Sob esta designação caberia recolher uma série de conjuntos funerários recentemente identificados nos concelhos de Beja, Ferreira do Alentejo e Vidigueira no âmbito dos trabalhos de minimização de impactos culturais da construção do sistema de irrigação do Alqueva.

Embora haja constância da identificação de um conjunto já numeroso de necrópoles nesta área³ contamos com dados publicados de apenas duas – as necrópoles de **Palhais** (Santos *et al.*, 2009; Valério *et al.*, 2013) e da **Carlota** (Salvador Mateos & Pereira, 2012), ambas em Beja – embora várias outras⁴ tenham sido já objecto de apresentação pública, em particular no encontro *Sidereum Ana III – El río Guadiana en Época Tartésica* (Mérida, 2012) cuja publicação se aguarda com expectativa. Por outro lado, estas novas necrópoles vêm oferecer um contexto às mal conhecidas sepulturas da **Herdade das Carretas** (Beja) muito parcialmente documentadas por A. Viana aquando da sua destruição (Viana, 1945: 311).

³ Uma consulta na base de dados Endovélico da Direcção-Geral do Património Cultural permite identificar pelo menos uma dúzia de necrópoles possivelmente enquadráveis neste grupo.

⁴ Incluindo a necrópole da Vinha das Calças 4 (Beja), em cujo estudo, coordenado pela Professora Ana Margarida Arruda, tive o privilégio de participar (cf. Arruda *et al.*, no prelo a; no prelo b).

Embora o estudo sistemático deste grupo de necrópoles se encontre ainda num estado embrionário, haveria não obstante a assinalar que os dados disponíveis sugerem a existência, também aqui, de um núcleo arqueográfico com uma marcada identidade própria. As necrópoles já conhecidas partem, com efeito, determinados caracteres que permitem aproximá-las e estabelecer algumas observações preliminares de conjunto.

Desde logo, do ponto de vista territorial, estas necrópoles constituem um núcleo bastante denso cuja componente doméstica permanece, contudo, mal caracterizada. São, de facto, virtualmente desconhecidos os povoados a que corresponderão estes núcleos funerários, o que sugere também aqui um modelo de povoamento disperso e de escassa entidade, o que não deixa de ser paradoxal quando se considera a riqueza dos espólios funerários (cf. *infra*).

Por outro lado, do ponto de vista ritual, a inumação parece ser predominante, tendo as deposições sido realizadas em fossas escavadas no substrato geológico de morfologia rectangular e secção sim-

ples ou escalonada, cujo sistema de cobertura, nos casos em que pôde detectar-se, se compunha de lajes pétreas (Santos *et al.*, 2009; Salvador Mateos & Pereira, 2012; Arruda *et al.*, no prelo b). Importa contudo notar que na documentação preliminar publicada se encontram também referências a hipotéticos casos de incinerações (Santos *et al.*, 2009: 770-775; Salvador Mateos & Pereira, 2012: 321 e fig. 10) cujo significado se encontra ainda por avaliar.

O rasgo mais característico destas necrópoles consiste, contudo, na presença de estruturas negativas de tipo fosso circundando determinadas sepulturas que aparentemente delimitam recintos funerários com a evidente intenção de destacar esses contextos funerários no conjunto da necrópole. Documentou-se parte de um destes fossos na necrópole de Palhais (Santos *et al.*, 2009: 775-777), ao passo que na Carlota se puderam documentar um total de cinco recintos, dos quais os Recintos 1 e 2, por um lado, e 3 e 4, por outro, se encontravam geminados (Salvador Mateos & Pereira, 2012: fig. 2) (Fig. 7); curiosamente, os recintos 3 e 4 desta necrópole não al-



Figura 7 – Planta da necrópole da Carlota (Beja) (seg. Salvador Mateos & Pereira, 2012).

bergavam nenhuma sepultura (*idem*: 320). Também na necrópole da **Vinha das Calças** se documentou um conjunto de quatro recintos seguros e um quinto possível (Arruda *et al.*, no prelo a; no prelo b).

As lógicas a que terão respondido estes fossos não são, de momento, claras, pois se é certo que parecem materializar uma intenção de delimitação do espaço envolvente de determinadas sepulturas, o certo é que o período em que estas estruturas se mantêm desobstruídas parece ser reduzido. Tal facto parece suportado pela presença de sepulturas abertas no enchimento destes fossos, facto que se documentou tanto em Palhais (Santos *et al.*, 2009: fig. 4) como na Vinha das Calças (Arruda *et al.*, no prelo a; no prelo b).

No que diz respeito aos espólios exumados, cumpre assinalar que estas necrópoles oferecem um panorama especialmente rico e diversificado cuja descrição detalhada não cabe nos limites da presente contribuição, pelo que me resta remeter para os estudos já disponíveis citados anteriormente.

Nesta ocasião gostaria de reter apenas alguns elementos particulares: por um lado, a profusão de elementos sumptuários incluindo adornos em metais nobres e sobretudo uma excepcional abundância de elementos de importação mediterrânea, incluindo contentores de óleos perfumados (Santos *et al.*, 2009: fig. 15; Salvador Mateos & Pereira, 2012: fig. 15), amuletos de tipo egípcio (Santos *et al.*, 2009: fig. 8; Arruda *et al.*, no prelo a: fig. 9) e sobretudo grandes quantidades de elementos de colar em pasta vítrea.

Estes elementos forâneos convivem com outros de carácter marcadamente local, nomeadamente ao nível do repertório cerâmico, bem como com peças – caso do armamento, dominado por lanças/dardos e facas afalcadas, e das peças de indumentária e adorno, incluindo fíbula, fechos de cinturão e vários tipos de braceletes (*acorazonados*, *xorcas*, *lisos*) – que remetem para uma esfera eminentemente regional (Santos *et al.*, 2009; Salvador Mateos & Pereira, 2012; Arruda *et al.*, no prelo a).

No seu conjunto estes elementos, alguns dos quais oferecem boas balizas cronológicas, permi-

tem situar o florescimento deste grupo de necrópoles num intervalo cronológico centrado no século VI a.n.e., embora haja elementos para suspeitar que a sua origem possa remontar aos finais da centúria anterior, como já se propôs (Santos *et al.*, 2009: 782; Salvador Mateos & Pereira, 2012: 322) e que a sua utilização se prolongue, por outro lado, até aos primeiros decénios do século V a.n.e. (Arruda *et al.*, no prelo a), pelo menos.

O estudo deste novo grupo funerário encontra-se ainda, volto a frisar, nos seus primórdios, e certamente a futura publicação dos resultados das diversas intervenções ainda inéditas permitirão acrescentar precisões adicionais à caracterização já disponível destas necrópoles. Resta entretanto assinalar o quanto a sua descoberta vem enriquecer um panorama já de si diversificado, e salientar o enorme interesse de que se revestem estes achados para clarificar as lógicas da estruturação social e identitária das comunidades sidéricas do interior alentejano.

6. PERSPECTIVAS PARA UMA SÍNTESE FUTURA

O quadro traçado nas páginas precedentes, que não pretende em nenhum caso ser uma resenha exhaustiva dos dados disponíveis sobre a problemática analisada, é ainda assim revelador da diversidade das soluções funerárias adoptadas pelas comunidades sidéricas do Sul do território português, sendo por outro lado um reflexo da própria diversidade dessas comunidades.

De facto, o desenvolvimento da investigação sobre este período no território analisado tem vindo a revelar a existência de uma considerável variabilidade sub-regional que, na minha opinião, decorre da profunda reestruturação ditada pelo colapso das redes sociopolíticas do Bronze Final. As distintas comunidades sidéricas ocuparão, no novo ordenamento regional, posições muito diferenciadas entre si que ditarão fórmulas específicas de relação com o território mas também com as comunidades do seu entorno.

É no contexto dessas relações, que se operam a distintos níveis – local, regional, supra-regional –,

que as distintas comunidades forjarão os seus próprios discursos identitários, combinando, em distintas proporções, elementos de fundo local com outros de origem forânea.

Um dos principais desafios da investigação futura é, precisamente, analisar esses discursos identitários e tentar compreender as lógicas sociais e políticas subjacentes à sua construção, tarefa para a qual o registo funerário se assume como uma fonte de informação privilegiada.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, F. d' & FERREIRA, O. da V. (1962) – Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal. *O Archeologo Português*, S.3, 1, p.81-95.

ARNAUD, J. M., MARTINS, A. & RAMOS, C. (1994) – Necrópole da Nora Velha (Ourique): informação da 1ª campanha de escavação. In: *Actas das V Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p.199-210. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

ARRUDA, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.

ARRUDA, A. M. (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4:2, p.207-291.

ARRUDA, A. M. (2004) – Necrópoles proto-históricas do sul de Portugal: o mundo oriental e orientalizante. In: GONZÁLEZ PRATS, A. (ed.), *El mundo funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios*, p.457-494. Alicante: Universidad de Alicante.

ARRUDA, A. M., BARBOSA, R., GOMES, F. & SOUSA, E. de (no prelo a) – A necrópole da Vinha das Calças (Trigaches, Beja, Portugal). In: JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.), *Sidereum Ana III: El río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: CSIC.

ARRUDA, A. M., BARBOSA, R., GOMES, F. & SOUSA, E. de (no prelo b) – La necrópole de Vinha das Calças 4 (Trigaches, Beja, Portugal) et le monde funéraire de l'Âge du Fer à l'intérieur sud du Portugal. In: ADROIT, S. & GRAELLS, R. (eds.), *Architectures funéraires et mémoire: la gestion des nécropoles en Europe occidentale (Xe-IIIe siècles av. J.-C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.

ARRUDA, A. M., COVANEIRO, J. & CAVACO, S. (2008) – A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira. *Xelb*, 8, p.117-135.

BARROS, P. (2008) – Mértola durante os séculos VI e V a.C. In: JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coord.), *Sidereum Ana I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*, p.399-414. Madrid: CSIC.

BARROS, P.; BRANCO, G., DUARTE, C. & CORREIA, J. (2008) – A cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*, 5, 41-52.

BEIRÃO, C. de M. (1986) – *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal – 1^{er} Age du Fer*. Paris: Diffusion de Boccard.

BEIRÃO, C. de M. (1990) – Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. In: *Estudos Orientais*, I, p.107-118.

CARDOSO, J. L. (2000) – Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios A. C.): breve síntese. In: *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Volume 5, p.61-100. Porto: ADECAP.

CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2006) – A Necrópole da Idade do Ferro de Cabeço de Vacal (Alcoutim). *Xelb*, 6, p.203-226.

CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2008) – O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro de Cabeço de Vaca (Alcoutim). *Xelb*, 8, p.103-115.

CORREIA, V. (1925a) – Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos* 1:7, p.347-363.

CORREIA, V. (1928) – Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *O Instituto*, 75, p.190-201.

CORREIA, V. H. (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33:3-4, p.351-370.

COSTA, J. M. da (1967) – O tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines). *Ethnos*, 5, p.529-537.

COSTA, J. M. da (1972) – O tesouro púnico-tartésico do Gaio. In: *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p.97-120. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

DEUS, M. de & CORREIA, J. (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In: CELESTINO PÉREZ, S. & JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coords.), *El Período Orientalizante*, p.615-618. Madrid: CSIC.

DIAS, M^a. M. A.; BEIRÃO, C. de M. & COELHO, L. (1971) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*, S.3, 4, p.175-219.

DIAS, M^a. M. A. & COELHO, L. (1983) – Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da herdade da Favela Nova (Ourique). *O Arqueólogo Português*, S.4, 1, p.197-205.

- FABIÃO, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Cética do actual território português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição fotocopiada.
- FRANKENSTEIN, S. (1997) – *Arqueología del colonialismo. El impacto fenicio y griego en el sur de la Península Ibérica y el suroeste de Alemania*. Barcelona: Editorial Crítica.
- GOMES, M. V. (1986) – *A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular*. Lisboa: IPPC.
- GOMES, M. V. (1994) – *A Necrópole de Alfarozeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*. Silves: Câmara Municipal de Silves.
- GOMES, F. B. (2013) – Uma necrópole esquecida? O Casalão de Santana (Sesimbra). *Herakleion*, 6, p.77-94.
- GOMES, F. B. (2014) – Importações mediterrâneas em contextos «Pós-Orientalizantes» do Sul de Portugal (séculos VI-IV a.n.e.). *Onoba*, 2, p.27-44.
- GOMES, F. B. (no prelo a) – The necropolis of Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal) in the context of the Iron Age funerary practices of the South-western Iberian Peninsula. In: *Proceedings of the II International Congress on Archaeology of Transition*. Oxford: Archaeopress.
- GOMES, F. B. (no prelo b) – Mediterranean goods in “Post-Orientalizing” funerary contexts of southern Portugal: some remarks on consumption, peripherality and cultural identity. In: *Actas del XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica*, p.85-87. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001) – La necrópolis de «El Jardal» (Herrera del Duque, Badajoz). Elementos para el estudio del ritual funerario del suroeste peninsular a finales de la Iª Edad del Hierro. *Complutum*, 12, p.113-122.
- MATALOTO, R. (2013) – Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto alentejano nos séculos VI-V aC. *Arqueologia & História*, 60-61, p.77-100.
- MAYET, F. & SILVA, C. T. da (2000a) – *L'établissement phénicien d'Abul. Portugal*. Paris: Diffusion du Bocard.
- PAIXÃO, A. C. (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. Tese de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição fotocopiada.
- PAIXÃO, A. C. (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*, S.4, 1, p.273-286.
- PARREIRA, R. & BARROS, P. (2007) – Necrópoles do Algarve no 2º e 1º Milénio a.n.e.. *Xelb*, 7, p.89-102.
- PEREIRA, Mª. H. da R. (1962) – *Greek Vases in Portugal*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- PONTE, S. da (1985) – Algumas fíbulas de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*, IV, 3, p.137-154.
- ROCHA, A. dos S. (1972) – A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafim, em *Memórias e explorações arqueológicas*, 3, Coimbra, 127-141.
- SALVADOR MATEOS, R. & PEREIRA, J. A. (2012) – A “Necrópole” da Carlota (São Brissos, Beja) no contexto cultural da Iª Idade do Ferro no Baixo Alentejo: dados preliminares. In: *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste*, p.317-330. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar.
- SANTOS, F.; ANTUNES, A. S.; GRILO, C. & DEUS, M. de (2009) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo. In: *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, p.746-804. Huelva: Universidad de Huelva.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SCHÜLE, W. (1969) – *Die Meseta-kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SERRÃO, E. da C. (1964) – *A Necrópole Proto-Histórica do Casalão (Santana - Sesimbra)*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- SILVA, C. T. da & SOARES, J. (1979) – O monumento I da necrópole do “Bronze do Sudoeste” do Pessegueiro (Sines). *Setúbal Arqueológica*, 5, p.121-157.
- SILVA, C. T. da & SOARES, J. (2009) – Práticas funerárias no Bronze Pleno do Litoral Alentejano: o Monumento II do Pessegueiro. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, p.389-420.
- SILVA, C. T. da, SOARES, J., BEIRÃO, C. de M., DIAS, L. F. e COELHO-SOARES, A. (1980-1) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 67, p.149-218.
- SOARES, A. M. (1994) – O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. In: *Actas das V Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p.179-197. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SOARES, A. M., SANTOS, F., DEWULF, J., DEUS, M. de & ANTUNES, A. S. (2009) – Práticas rituais no Bronze do Sudoeste. Alguns dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, p.433-456.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. da (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal. Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. In:

Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, p.87-101. Lisboa: IPPC.

SOARES, R. M. & MARTINS, A. (2013) – A necrópole da Nora Velha 2 (Ourique). Novos dados e interpretações 20 anos após a sua escavação. In: ARNAUD, J. M., MARTINS, A. & NEVES, C. (coords.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*, p.661-669. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

TORRES ORTIZ, M. (1999) – *Sociedad y Mundo Funerário en Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.

TORRES ORTIZ, M. (2008) – Urnas de Tipo Cruz del Negro. In: ALMAGRO GORBEA, M. (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*, p.631-654. Madrid: Real Academia de la Historia.

VALÉRIO, P., SOARES, A. M., ARAÚJO, M^a. de F., SILVA, R. & SANTOS, F. (2013) – The distinctive grave goods from Palhais (Beja, Portugal). New insights into the metallurgical evolution under Orientalizing influence in the southwestern end of Iberia. *Trabajos de Prehistoria*, 70:2, p.361-371.

VEIGA, S. P. M. E. da (1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa: INCM.

VIANA, A. (1945) – Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, V, p. 3-39.

VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da V. (1953) – De lo prerromano a lo árabe en el museo regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueología*, 26, p.113-138.

VILAÇA, R. & ARMBRUSTER, B. (2012) – O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim, Lagos, Algarve. In: VILAÇA, R. & PINTO, S. (coords.), *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu tempo*, p.153-170. Figueira da Foz: Casino da Figueira.

VILHENA, J. (2008) – As armas e os barões assinalados? Reflexões em torno das necrópoles monumentais do “Ferro de Ourique” (Sul de Portugal). In: JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coord.), *Sidereum Ana I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*, p.373-397. Madrid: CSIC.